

## MIGRAÇÕES FEMININAS NA FRONTEIRA AMAZÔNICA: REFLEXÕES A PARTIR DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO

Ana Taisa da Silva Falcão

*Desde siempre, las mariposas y las golondrinas y los flamencos vuelan huyendo del frío, año tras año, y nadan las ballenas en busca de otra mar y los salmones y las truchas en busca de su río.*

*No son libres, en cambio, los caminos del éxodo humano. En inmensas caravanas, marchan los fugitivos de la vida imposible.*

*Han sido despojados de sus trabajos y sus tierras. Muchos huyen de las guerras, pero muchos más huyen de los salarios exterminados y de los suelos arrasados.*

*Los naufragos de la globalización peregrinan inventando caminos, queriendo casa, golpeando puertas: las puertas que se abren, mágicamente, al paso del dinero, se cierran en sus narices” (GALEANO, 2008).*

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre os processos de migrações forçadas de mulheres e meninas através da fronteira entre Brasil e Colômbia, tendo como principal hipótese para a existência desse fenômeno, as violações sexuais sofridas pelas mulheres no marco do conflito armado colombiano. Tal análise se justifica pela escassez de trabalhos, principalmente no campo historiográfico, que tenham como preocupação fundamental a violência sexual como elemento motivador do fluxo migratório feminino na fronteira amazônica e, ao mesmo tempo, como uma das armas de guerra utilizadas por todos os atores armados do conflito colombiano. A partir das contribuições das Ciências Sociais, da Geografia, da História, especialmente a História do Gênero, das Migrações Forçadas e História Militar, sustentaremos nossa análise com base nos conceitos de gênero, classe e raça/etnia, em relação com os conceitos de fronteira, arma e deslocamento forçado. A relação entre as categorias teóricas citadas e o processo de migração feminina na fronteira amazônica será realizada a partir do diálogo com os relatórios produzidos pela *Consultoria para los Derechos Humanos y el Desplazamiento* (CODHES), os dados estatísticos de solicitações de refúgio de colombianos no Brasil, elaborados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e a limitada literatura já produzida no Brasil e na Colômbia sobre o tema. Partimos do pressuposto de que a violência sexual no contexto de conflito armado, que por si só já impõe um medo generalizado, é especialmente cruel para as mulheres, pois estas se veem vítimas de múltiplas violências de guerra, são sempre humilhadas, torturadas e violentadas por meio de

---

\* Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). Contato: taisafalcao@gmail.com

agressões de cunho sexual. E quando falamos de um território com características étnicas e demográficas tão específicas quanto a Amazônia, a violência sexual exercida pelos atores armados colombianos se torna uma arma com consequências genocidas, uma vez que atenta contra a existência de comunidades indígenas que já se encontram em situação de vulnerabilidade social. O que se pretende com este trabalho é fomentar um debate, no interior da Historiografia, que culmine com o aumento de pesquisas sobre a transnacionalização do conflito armado colombiano, através das migrações transfronteiriças.

**Palavras-Chave:** Conflito armado. Fronteira Amazônica. Violências sexuais. Migrações femininas forçadas.

#### THE FEMALE MIGRATION ON AMAZON BORDER: CONSIDERATION FROM THE COLOMBIAN ARMED CONFLICT.

##### **ABSTRACT**

This article aims to reflect on the processes of forced migration of refugee women and girls across the border between Brazil and Colombia. The main hypothesis for the existence of this phenomenon is the sexual violence against women in landmark of Colombian armed conflict. Such analysis is justified by the shortage of historiographic studies that analyze sexual violence as the fundamental concern of the female migratory flux in the Amazon border and, at the same time, as one of the weapons of war used by all armed actors in Colombian conflict. From the contributions of Social Sciences, Geography, History – including the Gender History – the Forced Migration Studies and the Military History, we will support our analysis based on the concepts of gender, class and race/ethnicity, related to the concepts of border, gun and forced migration concept. The relationship between the theoretical categories mentioned and the process of female migration in the Amazon border will be held from the dialogue with the reports, produced by the *Consultoria para los Derechos Humanos y el Desplazamiento* (CODHES), the statistical data of refugee Colombian peoples in Brazil, prepared by the UN Refugee Agency (UNHCR), and the limited literature produced in Brazil and Colombia on the subject. It has started from the assumption of sexual violence in context of armed conflict, which in itself already imposes a widespread fear, is especially cruel to refugee women, because they are victims of multiple violence of war, are always humiliated, tortured and raped through attacks of sexual nature. And when we refer to a territory with specific ethnic and demographic features like Amazon, the sexual violence exerted by Colombian armed actors can become a weapon with consequence of a genocide, since it threatens the existence of the Indigenous Peoples that are already in a situation of social vulnerability. This work aims to promote a debate within the Historiography, culminating in an increased research on the transnationalization of the Colombian armed conflict, through the cross-border migrations.

**Keywords:** Armed conflict. Border Amazon. Sexual violence. Forced migration.

## MUJERES DE MIGRACIÓN EN LA FRONTERA DEL AMAZONAS: REFLEXIONES DESDE EL CONFLICTO ARMADO DE COLOMBIA

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los procesos de migración forzada de mujeres y niñas en la frontera entre Brasil y Colombia, cuya principal hipótesis para la existencia de este fenómeno, es el abuso sexual que sufren las mujeres en el conflicto armado de Colombia. Dicho análisis se justifica por la escasez de puestos de trabajo, especialmente en el campo historiográfico, que tengan por principal preocupación la violencia sexual como motivadora de la migración femenina en la frontera amazónica y al mismo tiempo como una de las armas de guerra utilizadas por todos los actores armados el conflicto colombiano. A partir de las aportaciones de las Ciencias Sociales, Geografía, Historia, especialmente la Historia del Género, Historia de Migraciones Forzadas y Historia Militar, mantendremos nuestro análisis basado en los conceptos de género, clase y raza/etnia en relación con los conceptos de frontera, arma y el desplazamiento forzado. La relación entre las categorías teóricas mencionadas y el proceso de la migración femenina en la frontera amazónica se celebrará del diálogo con los informes elaborados por la Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento (CODHES), los datos estadísticos de las solicitudes de asilos colombianos en Brasil, preparado por el Alto Comisionado de la ONU para los Refugiados (ACNUR) y la escasa literatura jamás producido en Brasil y Colombia sobre el tema. Suponemos que la violencia sexual en el contexto del conflicto armado, que en sí impone un miedo generalizado, es especialmente cruel con las mujeres, ya que se encuentran las víctimas de la violencia de la guerra múltiple, están siempre humilladas, torturadas y violadas por través de la naturaleza sexual de la agresión. Y cuando hablamos de un territorio con características étnicas y demográficas tan específicos como el Amazonas, la violencia sexual por parte de grupos armados colombianos se convierte en arma con consecuencias genocidas, ya que pone en peligro la existencia de las comunidades indígenas que ya se encuentran en una situación de vulnerabilidad social. El objetivo de este trabajo es fomentar el debate dentro de la historiografía, que culmine con el aumento de la investigación sobre el carácter transnacional del conflicto armado colombiano, sobre la migración transfronteriza.

**Palabras clave:** Conflicto armado. Frontera del Amazonas Violencia sexual. Migración forzada.

### 1 INTRODUÇÃO

#### 1.1 A AMAZÔNIA BRASILEIRA COMO REFÚGIO DE MULHERES COLOMBIANAS POR QUE IMPORTA O GÊNERO?

O deslocamento forçado interno na Colômbia, apesar de toda a precariedade de assistência às suas vítimas, tem sido objeto de estudo e inclusive de propostas

de lei. O problema do deslocamento para fora do território nacional, inclusive este próprio fenômeno para os estudos brasileiros, tem recebido pouca atenção. Quando falamos da migração pela fronteira Brasil-Colômbia, a invisibilidade deste fenômeno é ainda maior, uma vez que, apesar de a região amazônica ser área de influência do narcotráfico (OLIVEIRA, 2006, p. 190), esta fica distante dos principais focos de conflito armado, concentrados com maior frequência nas regiões do Caribe colombiano. A travessia pela fronteira amazônica segue frequente e silenciada, o que aumenta a precariedade da vida dos refugiados colombianos no Norte do Brasil. A própria geografia da região também favorece esse silenciamento, porque a fronteira entre Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia) é uma rua, chamada Rua da Amizade (ou *Calle de la Amistad*, para os colombianos). Em diversos outros lugares do Brasil, as fronteiras com nossos vizinhos latino-americanos são ruas em que o limite entre um país e outro é estabelecido por linhas imaginárias, mas a especificidade da região amazônica está no processo de constante deslocamento forçado para o lado brasileiro.

A iniciativa de pensar e debater o conflito armado colombiano em outros países latino-americanos foi muito bem apresentada pelo professor Sergio Gustavo Astorga<sup>1</sup> (2012, p. 9), quando afirmou crer que “é importantíssimo reunir investigações que ofereçam informações e interpretações críticas sobre a história contemporânea da Colômbia”, assim como incentivar pesquisas que assumam como tarefa “a investigação comprometida com a luta pela verdade, a memória e os direitos humanos na América Latina e Caribe”. Não só compartilhamos dessa posição, como nos propomos, com este trabalho, a incentivar a pesquisa sobre os processos de violência cometidos contra mulheres na Colômbia, fomentando o diálogo e a produção acadêmica latino-americana. Damos ênfase à migração forçada feminina, através da fronteira amazônica entre Brasil e Colômbia, nas cidades de Letícia (Colômbia) e Tabatinga (Brasil), a partir da compreensão dessa migração como fuga das violações sofridas no marco do conflito armado.

Se trata de violación étnica como una política oficial de guerra: no solo como una política del placer masculino desenfrenado; no solo como una política para envilecer, torturar, humillar, degradar y desmoralizar a la otra parte; no solo como una política de hombres que intentan ganar ventajas y espacio frente a otros hombres. Se trata de violación por orden superior: no fuera de control, sino bajo control. Se trata de violación hasta la muerte y la masacre, para matar o hacer que las víctimas prefieran estar muertas. Se trata de violación como exilio forzoso, para obligar a abandonar el hogar y no regresar jamás. (MACKINNON, 1998, p. 94).

1 Coordenador Executivo do Observatório de Direitos Humanos da Região Andina do Centro de Estudos Transandinos e Latinoamericanos. Professor da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais, UNCuyo, Mendoza, Argentina.

O processo de deslocamento forçado feminino pela violência do conflito armado é o ponto chave desta pesquisa, levando-se em consideração a carência de trabalhos no campo da historiografia que se debruçam sobre este fenômeno e seus impactos sociodemográficos na Amazônia brasileira. O presente artigo apresenta, portanto, os apontamentos iniciais de uma pesquisa ainda em fase de desenvolvimento. Para tanto, nos apropriaremos de trabalhos, ainda aquém do necessário, já produzidos em outros campos das ciências humanas, especialmente a Antropologia, a Sociologia e a Geografia. No campo teórico, lançaremos mão de categorias abordadas pela História do Gênero, pela História Militar e pela História das Migrações Forçadas. No que se refere à noção de violência sexual, esta, quando assume o papel de arma de guerra, deve ser inserida no campo de estudo da História Política e da História Militar, não se limitando à área de História das Mulheres e das Relações de Gênero. O que propomos aqui, portanto, é a ampliação das relações entre campos historiográficos (MATOS, 1998, p. 67). Pensar as migrações forçadas de mulheres como consequência do conflito armado e suas múltiplas violações se apresenta aqui com o objetivo não só de problematizar este fato, mas de buscar estratégias de responsabilização, reparação e não repetição desses crimes.

Os crimes de guerra, em sua maioria, determinam e reconfiguram a sociedade ao redor do conflito (TESCARI, 2005, p. 55). Ao mesmo tempo, a forma como esta violência, notadamente de caráter sexual, é empregada indiscriminadamente por todos os lados do conflito – em que pese o maior ou menor grau do uso deste recurso por cada grupo beligerante específico –, demonstra a sua importância no cenário de guerra, caracterizando a violência contra a mulher como uma tática, como uma força bélica, sendo, portanto, objeto de estudo a ser considerado pela História Militar.

Os eixos que norteiam o debate realizado ao longo do presente trabalho são a noção de *violência sexual*, cuja centralidade se encontra na sua relação com os conceitos de gênero, classe e raça/etnia; e os conceitos de *migração/deslocamento forçado* e *refúgio*, compreendidos como consequências diretas do conflito armado e da violência sexual disseminada por ele na Colômbia. Para melhor compreensão dessa relação, apresentamos os atores armados do conflito, que são as forças (*para*) *militares*, a insurgência e os narcotraficantes, tendo como pano de fundo a disputa geopolítica, ligada à concentração de poder político-militar dos grupos que detém, por sua vez, um aparato financeiro e territorial/agrário capaz de apresentarem-se como forças políticas.

Como na Colômbia nem toda pessoa deslocada se refugia em outro país, pelo contrário, a maioria migra de uma cidade a outra, de um estado a outro, utilizaremos tanto o conceito de refugiadas (os) como, com mais frequência, inclusive, o de deslocadas (os) (*desplazadas*). Apesar de usarmos dados oficiais sobre refúgio (no Brasil) e deslocamento (na Amazônia colombiana), refúgio aqui é entendido num

sentido mais amplo, em que representa processos de fuga. Representa, mais do que acesso a marcos legais de proteção internacional, a *busca* por proteção, por segurança, por recomeço.

Sobre o conceito *legal* de refugiadas, utilizamos a definição formulada pelo Estatuto do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), quando da sua formação, em 1950. Definição reforçada no ano seguinte pela Convenção de Genebra sobre o Estatuto dos Refugiados, que entende a pessoa refugiada como aquela cujo direito de residir em seu país ou região de origem lhe foi furtado por motivos de raça, religião, nacionalidade, filiação/opinião política ou origem social (ACNUR, 2010, p.16).

Para tratar do conceito de deslocadas, nos baseamos na definição estabelecida na Colômbia pela Lei 387, de 1997, aprovada pelo Congresso da República, na qual deslocada é:

Toda pessoa que se tenha visto forçada a migrar dentro do território nacional abandonando sua localidade de residência ou atividades econômicas habituais, porque sua vida, sua integridade física, sua segurança ou liberdade pessoais foram vulneradas ou se encontram diretamente ameaçadas, por ocasião de qualquer das seguintes situações: conflito armado interno, distúrbios ou tensões internas, violência generalizada, violações massivas dos Direitos Humanos, infrações ao Direito Internacional Humanitário e outras circunstâncias emanadas das situações anteriores que possam alterar drasticamente a ordem pública<sup>2</sup>.

Vale destacar que as cifras reais de pessoas que atravessam a fronteira amazônica para o lado brasileiro são muito difíceis de estimar, embora levemos em consideração, discursivamente, o refúgio como todo movimento transfronteiriço consequente do conflito armado; para efeito metodológico desta pesquisa, utilizaremos dados oficiais de deslocamento e refúgio. A saber, tomamos, como fontes primárias para análise do fenômeno migratório na fronteira amazônica, os relatórios produzidos pelo órgão colombiano responsável pelo atendimento aos deslocados forçados, *Consultoría para los Derechos Humanos y Desplazamiento Forzado* (CODHES); os dados estatísticos para refúgio no Brasil, foram levantados em conjunto pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE).

O CONARE é um órgão administrativo brasileiro, vinculado ao Ministério da Justiça, que atua junto à sociedade civil, representada não somente, mas principalmente pela Cáritas Arquidiocesana e junto ao ACNUR. Os dados

<sup>2</sup> Lei 397, de 18 de junho de 1997. Disponível em: <[http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley/1997/ley\\_0387\\_1997.html](http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley/1997/ley_0387_1997.html)>. Acesso em: 24 mar. 2011.

apresentados pelo CONARE permitem que se tenha uma noção não apenas do quantitativo de solicitantes de refúgio no Brasil, mas também das pessoas que conseguiram se inserir no programa de reassentamento solidário, empreendido pelo governo brasileiro para garantir a estabilidade socioeconômica dos refugiados no Brasil. Já os relatórios do CODHES mostram que, tanto qualitativa, quanto quantitativamente, o conflito interno colombiano tem afetado as populações residentes na região amazônica, o que contribui para que estimemos a influência do deslocamento forçado no interior do departamento em relação ao número de solicitações de refúgio e reassentamento de colombianos, em especial, colombianas, no Brasil.

Por estarmos tratando de dados oficiais, tanto da entrada de colombianos no Brasil na qualidade de refugiados quanto de pessoas deslocadas no interior do departamento do Amazonas – CO, esta pesquisa versa sobre um número muito reduzido do quantitativo de indivíduos que acessam o Brasil fugindo do conflito. Os dados de deslocamento interno na Colômbia, apesar do exposto, são ferramentas fundamentais para pensarmos o número estimado de pessoas que podem estar atravessando a fronteira brasileira na ilegalidade, inclusive como mecanismo de proteção.

O presente artigo foi dividido em três momentos, levando-se em consideração as especificidades do tema abordado. Iniciamos com um balanço da dinâmica do conflito armado, com atenção especial às características geográficas e políticas da Amazônia colombiana e sua inserção no conflito armado como campo de disputa e área de interesse econômico dos atores sociais do conflito. Em meio a todas essas tensões, apresentamos a população amazônica e sua relação com o conflito num segundo momento do texto, dando ênfase aos processos migratórios femininos e às violações sofridas pelas mulheres, majoritariamente indígenas ou de origem indígenas. Finalmente, concluímos o trabalho analisando a relação entre o conflito armado colombiano e a noção de refúgio, entendido aqui como movimento de fuga do seu lugar de origem em busca de proteção.

## **2 CONFLITO ARMADO COLOMBIANO: CICLOS DE VIOLAÇÕES CONTRA A SOCIEDADE CIVIL**

A Colômbia passou por todo o século XX e adentrou o século XXI em permanente cenário de guerra, entrecruzada por pequenos momentos de “paz”, cuja principal característica é a violência perpetrada contra a população civil alheia ao conflito, mas que se encontra nas zonas geopolíticas de disputa dos grupos armados. De acordo com Donny Meertens (2000), apesar de os conflitos rurais na Colômbia terem persistido ao longo de todo o século XX, eles não ocorreram de forma linear, mas sim através de movimentos cíclicos, que sempre retornam após pequenos períodos de paz, para novamente espalhar a violência no campo e na

cidade<sup>3</sup>. Estamos tratando aqui, acima de tudo, de uma guerra geopolítica, cuja finalidade é o acúmulo de terras e poder.

A História colombiana é, desde o seu processo de independência, marcada pelos conflitos no interior da elite nacional pelo poder e pela concentração de terras. Sobre este tema, o historiador Jairo Estrada Alvarez (2012) propõe uma leitura crítica dos interesses econômicos do capital em relação à propriedade da terra, que, a fim de aumentar os latifúndios, expropria as comunidades negras, indígenas e campesinas.

O ponto auge do conflito entre as elites nacionais ocorreu com o assassinato do líder do partido Liberal, Jorge Eliécer Gaitán, em abril de 1948, desencadeando sucessivos conflitos entre as milícias partidárias tanto do lado do Partido Conservador, quanto do partido Liberal. A morte de Eliécer resultou num dos principais episódios de violência do conflito armado colombiano, chamado de *Bogotaço*. Após um acordo feito entre os dois partidos, em 1958, tem início o período conhecido como Frente Nacional. A Frente Nacional existiu, como prática governamental oficial, de 1958 a 1974, e, durante este período, a política empreendida, além de concentrar o poder político nacional nas mãos da elite colombiana, excluía a participação de outros partidos ou de debates com outras camadas da sociedade. Em resposta a essa política de exclusividade por parte dos partidos Liberal e Conservador, e também como forma de resistência, tem início um processo de organização camponesa em regiões específicas do país e o surgimento de lideranças que, na década de 1960, estariam à frente das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), guerrilha campesina de orientação marxista ligada ao Partido Comunista. “Apareceram ainda movimentos de inspiração castrista, como o Exército de Libertação Nacional (ELN) [...]; e de inspiração maoísta, como o Exército Popular de Libertação (EPL), surgido em 1967.” (MONCAYO, 2012, p. 325).

Em resposta à criação das guerrilhas de esquerda, surge outra força militar na Colômbia: os paramilitares, grupos armados ligados às Forças Armadas e à Polícia Nacional, que tinham como objetivo e estratégia militar a prática contrainsurgente, a fim de desestabilizar e desmobilizar as guerrilhas camponesas. Economicamente, os paramilitares estavam – estão – ligados aos grandes proprietários de terras colombianos (os *terratenientes*), que viam nas guerrilhas camponesas de orientação marxista um perigo ao seu monopólio da terra (ASTORGA, 2012, p. 14). Esta defesa

---

3 Sobre a permanência do conflito armado na História Contemporânea da Colômbia, Gonzalo Sánchez Gómez escreveu: “Para la generación de colombianos nacidos en vísperas de la generalizada insurrección que siguió al asesinato de Jorge Eliécer Gaitán, el 9 de abril de 1948, su trayectoria de vida ha transcurrido bajo el signo de la violencia. [...] ella [a guerra] es el factor ordenador-desordenador de la política, la sociedad y la economía”. GÓMEZ, Gonzalo Sánchez. “Guerra prolongada y negociaciones inciertas en Colombia”. In : ASTORGA, p. 29. Seguindo este raciocínio, o informe Violaciones y otras violencias: saquen mi cuerpo de la guerra (2011, p. 9), reforça: “Para las mujeres colombianas, el conflicto armado es una realidad cotidiana”.



às grandes propriedades marcou um dos maiores embargos a todas as tentativas de reforma agrária na Colômbia (ALVAREZ, 2012, p. 110).

Para o professor da Universidade de Cauca – Unicauca – Edgar de Jesús Velásquez Rivera (2005), os grupos paramilitares sofrem influência direta dos paramilitares (ou esquadrões de extermínio) que nasceram no interior do Exército francês durante os processos de descolonização da Indochina e da Argélia, onde as práticas de extermínio, de desaparecimento forçado e de violência sexual<sup>4</sup> foram utilizadas como estratégias contrainsurgentes. Por práticas contrainsurgentes, tratamos das diversas violações cometidas pelos grupos paramilitares contra a frente interna do inimigo. A chamada “frente interna do inimigo” pode ser traduzida por “sociedade civil”; aquele grupo de indivíduos que habita regiões dominadas por combatentes e que, direta ou indiretamente, se configura em sua base de apoio. A estratégia da guerra contrainsurgente, a guerra “não convencional” é a de atacar a população civil a fim de desmobilizar os combatentes, deixá-los sem “apoio” logístico ou político.

A partir desse momento, tanto militares, quanto a direita, quanto os narcotraficantes passaram a investir – política e financeiramente – na formação e manutenção de grupos paramilitares, que, por sua vez, lançaram mão indiscriminadamente de táticas como a tortura, os massacres coletivos, os desaparecimentos forçados, a “limpeza social”, contra “delinquentes comuns, drogados e homossexuais”, a violência sexual e os “tribunais orais”, onde todos os “culpados” eram (e ainda o são) exterminados (RIVERA, 2005, p. 138).

Na década de 1980, sob o governo Belisario Betancourt (1982-1986), em meio às negociações pela paz na Colômbia, o partido de esquerda União Patriótica e o Partido Comunista Colombiano sofreram um dos maiores massacres políticos da história do país, com cerca de 6 mil membros assassinados, dentre eles dirigentes, militantes, candidatos, membros das FARC etc. Lilliana Bello caracteriza o assassinato dos membros da União Patriótica como “um dos maiores genocídios políticos da história colombiana” (BELLO; PINEDA, 2012, p. 204).

Já a década de 1990 foi marcada pela radicalização da violência, atingindo todas as esferas da vida social, “afetando a marcha da economia, as formas de fazer política, a relação entre os diversos grupos sociais e as práticas culturais” (GÓMEZ, 2012, p. 30). O movimento seguinte foi a entrada da Colômbia no século XXI inaugurando uma nova etapa do conflito: a doutrina de “segurança democrática”, sob o governo Álvaro Uribe Vélez (2002-2010). A doutrina de “segurança democrática” constitui de uma ofensiva militarizante do caráter do Estado, onde o “estado de exceção” substitui a ordem legal.

---

4 Sobre a violência sexual utilizada como arma de guerra pelo Exército francês, oficial ou em seus grupos paramilitares, ver BRANCHE, Raphaëlle (Org.). *Le viol comme arme de guerre*. Paris: Payot, 2012. Este livro vem de uma historiografia caracterizada notadamente pela emergência na França da História do Gênero, que vai dizer que na sociedade o papel dos homens e mulheres é assinado pela função de seus sexos.

En las dos últimas décadas [...] [o país imergiu no] predominio creciente de la lógica de la guerra, el protagonismo de los actores privados en armas, la fragmentación y deslegitimación de las instituciones estatales y la lucha en torno a la sociedad civil. Más aún, a esta última se la ve a veces como blanco de las acciones bélicas y otras como terreno por conquistar, en la medida en que se la pueda convertir por parte de los múltiples actores armados en un recurso táctico o estratégico para sus propios objetivos. (GÓMEZ, 2012, p. 29).

No que se refere à região da Amazônia colombiana, esta corresponde a cerca de 55% do território colombiano, com população estimada em mais de 2 milhões de habitantes, o que significa aproximadamente 4,7% da população nacional (CODHES, 2011, p. 17). Trata-se da região com maior concentração de população indígena do país, especialmente nos departamentos de La Guajira, Vaupés, Guainía e Amazonas. Destes, apenas La Guajira não faz fronteira com o Brasil. Os departamentos de Amazonas, Guainía e Vaupés possuem um percentual de populações indígenas de 43,4%, 64,9% e 66,6%, respectivamente. (CODHES, 2011, p. 18).

O conflito armado na região da Amazônia colombiana apresenta diversos problemas que inviabilizam o seu efetivo controle, por ser uma região de selva, cuja vegetação não facilita o deslocamento rápido, além de ser uma área de grande interesse de agentes econômicos, tanto internacionais quanto nacionais, por suas riquezas naturais. Outro fator importante para a presença do conflito na região está ligado ao caráter internacionalizante do narcotráfico, que necessita de escoamento de mercadoria, especialmente cocaína e armas, para fora do país. Por possuir uma vasta extensão de fronteira, a região amazônica colombiana tornou-se, ao longo dos anos, uma zona estratégica para os combatentes e narcotraficantes.

O território da Amazônia colombiana faz fronteira com Venezuela, Brasil e Peru. A fronteira com o Brasil compreende os departamentos de Guainía, Vaupés e Amazonas, com extensão territorial de 1.644 km, com população estimada em 113.392 habitantes, dos quais cerca de 58% são indígenas (CODHES, 2011, p. 25). Do lado brasileiro, essa fronteira encontra-se localizada no estado do Amazonas. Esse território é caracterizado pela baixa densidade demográfica, cuja maior parcela da população fronteiriça está localizada nas cidades gêmeas de Letícia, no lado colombiano, e Tabatinga, no lado brasileiro.

As políticas de combate e controle do conflito armado, especialmente as empreendidas pelo governo Uribe, afetaram diretamente a região da Amazônia colombiana, que se transformou em campo de concentração de tropas militares, com bases militares e projetos de incursão na selva. Tais medidas acirraram o conflito armado na região, fomentando diversos processos de deslocamento forçado, além de violações cometidas tanto pelas Forças Armadas como por paramilitares e guerrilheiros contra a população local. Os dois maiores projetos de incursão militar na selva amazônica correspondem ao Plano Colômbia e ao Plano Patriota, ambos

financiados pelo governo norte-americano, inclusive com a implantação de bases militares americanas em território colombiano (CODHES, 2011, p. 33).

Os departamentos de Vaupés, Guainía e Amazonas estão localizados numa zona geoestratégica do conflito armado, pois correspondem a um corredor de deslocamento fluvial, através do Rio Vaupés, que é utilizado pelos narcotraficantes como via de penetração do território brasileiro (CODHES, 2011, p. 65). Esse “corredor de mobilidade” também é caracterizado pelo cultivo ilícito de entorpecentes e altos índices de deslocamento forçado desde a década de 1990 (CODHES, 2011, p. 65-6).

De modo geral, o acirramento do conflito armado na região de fronteira da Amazônia colombiana tem gerado uma crise humanitária sem precedentes, culminando com o aumento do processo de migrações através da fronteira, seja pela fuga da violência física do conflito ou fuga da violência econômica que ele tem provocado. Esta região, por apresentar características geográficas muito específicas, se comparada com o restante da Amazônia colombiana, representa a parte mais marginalizada do território colombiano. Isso porque o próprio processo de colonização dessa área foi limitado pelo acesso a ela, fazendo com que aí se concentre a maior parcela dos povos indígenas, bem como o maior número de reservas ambientais indígenas reconhecidas pelo Estado colombiano. É, no entanto, a região amazônica que apresenta a maior cifra de crise humanitária, pois os índices de pobreza e exclusão são alarmantes (CODHES, 2011, p. 62). Em função da distância e da dificuldade de acesso à região de Vaupés, Guainía e Amazonas, o próprio CODHES assume que o controle e a assistência aos habitantes da região é algo extremamente complexo e requer aprimoramento dos instrumentos de análise para que se tenha uma ideia aproximada do que significa para os povos indígenas o conflito armado colombiano (CODHES, 2011, p. 62-3). Nesse sentido, o apelo a pesquisas e políticas públicas que contemplem essa área se faz urgente e necessário.

### **3 DESLOCAMENTO FORÇADO DE MULHERES NA AMAZÔNIA: UMA ANÁLISE DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE**

Sabemos que a violência sexual é um mal que atinge a todos os indivíduos – mulheres adultas, adolescentes, idosas e meninas, assim como homens e meninos –, mas por acreditarmos que a violência sexual é uma violência de gênero, em que a parte violada (homem ou mulher) está submetida ao papel de mulher nesta relação de poder, escolhemos analisar os casos em que a vítima é do sexo feminino.

Para além da problemática que envolve o papel de gênero conferido à pessoa vítima de violência sexual, entendemos também que, infelizmente, as mulheres são as maiores vítimas desse tipo de violência. Num cenário de guerra, o estupro atende à manutenção não apenas da dominação sexual do homem sobre a mulher,

mas a uma dominação social e militar, de um grupo sobre o outro. É, também, um controle da sexualidade da mulher. Sobre o tema específico desta pesquisa, as diferenças entre homens e mulheres podem ser traduzidas em: “enquanto os civis do sexo masculino são mortos, as mulheres são estupradas e depois mortas. No interrogatório sob tortura, os homens são selvagememente espancados. As mulheres são selvagememente espancadas e estupradas” (ASKIN, 1997, p. 36. Tradução Nossa).

As relações de gênero e, portanto, a constituição da sexualidade são, sobretudo, o campo de disputa da dominação masculina. Nesse sentido, tanto Bourdieu (1999), quanto MacKinnon (1998) concordam que a sexualidade bem como as relações sexuais entre os indivíduos são norteadas pela imposição estrutural dos papéis de gênero, estabelecendo, portanto, o campo sexual como o espaço de materialização da dominação, do poder masculino sobre o feminino. Para MacKinnon, a dominação masculina é uma dominação essencialmente sexual, uma vez que “sexualiza” todas as estruturas sociais, tornando-as hierarquizadas sexualmente (MACKINNON, 1998, p. 127). Seguindo essa lógica, Bourdieu apresenta o ato sexual como a expressão da dominação, ao dizer que “em cima ou embaixo, ativo ou passivo, essas alternâncias paralelas descrevem o ato sexual como uma relação de dominação. De modo geral, possuir sexualmente [...] é dominar no sentido de submeter a seu poder” (BOURDIEU, 1999, p. 29).

Tema caro a este trabalho, o ato sexual como manifestação de dominação, força e poder expressa-se em tempos de guerra ou conflitos armados tão naturalizadamente quanto os próprios papéis de gênero, à medida que a mulher é vista como passível de ser “dominada”. Assim, a dominação masculina, ao ser fundamentada em diferenciações eminentemente biológicas – mesmo que estas também sejam construídas socialmente –, permite que os homens vivam em constante estado de privilégios que estão institucionalizados em todas as estruturas sociais e no imaginário coletivo. A constatação desse fato, portanto, da naturalização da construção socialmente determinada de diferenciações e papéis estabelecidos ao gênero masculino e ao gênero feminino, engessam a sociedade neste modelo de relações desiguais e, em se tratando da condição feminina neste esquema, violentas.

O enfoque de gênero e raça/etnia na análise dos deslocamentos compulsórios no marco do conflito armado colombiano explica-se: devemos nos apoiar numa percepção das consequências da colonização para os processos de violência contra as mulheres, especialmente as mulheres negras e indígenas na contemporaneidade. Para nós, a violação das mulheres, a criminalização e marginalização dos povos indígenas e afro-colombianos resultam da manutenção das estruturas coloniais, em que os processos de “racialização” e “sexualização” dos corpos femininos se convertem em violência sexual no marco do conflito armado (SALDARRIAGA FLÓRES, 2013, p. 26-7). Ou seja, a violência sexual contra as mulheres, especialmente indígenas e afro-colombianas, não é entendida aqui como uma invenção do conflito

armado; ela é, outrossim, a continuação de uma dominação histórica dos seus corpos.

As denúncias de violações dos direitos humanos nos departamentos colombianos fronteiriços ao Brasil mostram que toda vez que há uma incursão militar (ou paramilitar) em comunidades indígenas, há violações de caráter sexual contra as mulheres e meninas (ALDHU, 2004). De acordo com o CODHES (2011), o índice de mulheres e adolescentes indígenas mães solteiras nos departamentos da Amazônia colombiana é muito alto. O Conselho Regional Indígena de Vaupés (CRIVA) tem denunciado o fenômeno de *madresolterismo* como condição feminina consequente das violações cometidas contra as mulheres indígenas ou como consequência das relações entre essas mulheres e combatentes armados (ALDHU, 2004, p. 71). Tais relações, violentas ou consensuais seguem subnotificadas, pois ainda há um silenciamento muito forte das condições em que as mães solteiras engravidam. Mas essas mulheres estão inseridas nas cifras de deslocamento interno e, supomos, também integram os dados de que dispomos no Brasil sobre as migrações na fronteira amazônica.

De acordo com o CODHES (2012), entre 1999 e 2012, computou-se cerca de 876 pessoas deslocadas para o município de Letícia, no departamento de Amazonas, cidade fronteiriça à Tabatinga, no Amazonas brasileiro. Tabatinga é a principal porta de entrada de colombianos e colombianas que fogem da violência do conflito armado, a fim de reestruturarem suas vidas. Além do departamento de Amazonas, a Colômbia faz fronteira com o Brasil (Amazonas) através dos departamentos de Vaupés e Guainía, em que a taxa de deslocamento forçado, entre 1999 e 2012, foi de 1.063, 2.310 e 4.901, respectivamente (CODHES, 2012, p.14). Para Oliveira (2008):

[...] não existem números oficiais, mas algumas instituições que atendem os migrantes no Brasil, como o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) e o Serviço Pastoral de Migrantes (SPM), apresentam estimativas de um contingente de mais de vinte mil colombianos em situação de refúgio, vivendo de forma irregular, indocumentados, no Amazonas (p. 71).

Para a pesquisadora Marcia Maria de Oliveira, “desde meados do ano 2000, quando o governo dos Estados Unidos aprovou o Plano Colômbia, [...] os conflitos armados se acirraram e o fenômeno migratório desse país vem tomando dimensões alarmantes” (OLIVEIRA, 2006, p. 191). O deslocamento forçado pela fronteira brasileira apresenta-se como uma fuga desesperada do conflito interno na Colômbia, com um forte aumento dessa migração nas últimas décadas.

De acordo com o CONARE (Comitê Nacional para os Refugiados), “o Brasil possui atualmente (outubro de 2014) 7.289 refugiados reconhecidos, de 81 nacionalidades distintas, dos quais 25% são mulheres. Os principais grupos são

compostos por nacionais da Síria, Colômbia, Angola e República Democrática do Congo – RDC<sup>5</sup>” (ACNUR, 2014, p.1). As solicitações de refúgio no Brasil apresentam uma característica interessante, se compararmos aos dados de deslocamento forçado interno na Colômbia, em que a maior parcela de deslocados é de mulheres, no Brasil, a maior parte dos solicitantes de refúgio são homens. Pensando as características geográficas já apresentadas aqui sobre a Amazônia, poderíamos levantar a hipótese de que a travessia da fronteira, em algumas partes montanhosa (BECKER, 2009, p. 89), poderia ser um impeditivo para o fluxo migratório feminino. Mas os números de mulheres já registrados são suficientemente expressivos para mostrar que o fenômeno transfronteiriço de migrações forçadas femininas segue constante.

Ainda de acordo com o ACNUR, a Região Norte do Brasil representa, nas cifras apresentadas pelo CONARE, 25% das pessoas que acessaram o órgão com o objetivo de pedir refúgio no Brasil. Até o ano de 2014, o Brasil concedeu 1.218 vistos de refugiados e possui, ainda em tramitação, 234 pedidos de refúgio para migrantes colombianos. Para além da concessão de refúgio, os colombianos foram contemplados pelo Programa de Reassentamento Solidário, e assim recebem, além do direito político de residir no Brasil, uma moradia fixa. Dos 612 casos de reassentamento solidário já efetuados pelo governo brasileiro, a maioria foi cedida a colombianos, dos quais 46% são mulheres (ACNUR, 2014, p. 4-5). Nota-se, ao menos no que tange à distribuição de gênero nos processos de reassentamento solidário, uma atenção ao atendimento de mulheres colombianas refugiadas.

Podemos perceber que dado o número de pessoas que se deslocaram, nos últimos anos, dentro do território colombiano, aproximando-se das zonas fronteiriças, a exemplo de Letícia, a probabilidade dessas mesmas pessoas serem as que constam nos órgãos de registro brasileiros para refugiados é muito grande. E, levando em consideração as denúncias de violações contra as mulheres dentro de seus departamentos, fomentando seu deslocamento forçado, ao ter em conta que essas mulheres atravessaram para o lado brasileiro, solicitaram refúgio e receberam reassentamento no Brasil, podemos afirmar que as mesmas violações denunciadas na Colômbia foram o motivo para a solicitação de refúgio dessas mulheres no Brasil.

Dentro dessa perspectiva de migrações fronteiriças, a ênfase nos processos migratórios dos chamados grupos vulneráveis tem tomado forma por causa do aumento expressivo desses grupos nas estatísticas de deslocamento e refúgio. A Colômbia registra constantes cifras de mulheres que solicitam refúgio em países vizinhos ou acesso aos programas para deslocados forçados, como já se mostrou aqui. Ainda segundo Oliveira (2008, p. 119), “no contexto dos refugiados no

---

5 Documento disponível na íntegra em: <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estadisticas/dadossobrefugionobrasil/>>. Disponível em: 2 set. 2012.

Amazonas é significativo o quantitativo de mulheres com suas histórias de vida e sofrimento”.

Tamanha violência deixa marcas irremediáveis, não só para a família da vítima, mas para toda a sua comunidade. As narrativas sobre estupros, mutilações e assédios sexuais são igualmente frequentes entre as refugiadas no Amazonas, uma vez que “a quase totalidade das refugiadas relata ter sofrido algum tipo de violência sexual, desde o assédio aos estupros violentos” (OLIVEIRA, 2008, p.124).

Pesquisas como a de Oliveira (2008) são muito importantes para entender o fenômeno das migrações transfronteiriças na Amazônia, embora apresente uma análise geral de todas as formas de migrações dessa região. Seguimos destacando a importância de trabalhos que enfoquem especificamente na questão de gênero, para que as violências cometidas contra as mulheres pelo fato de serem mulheres tenham mais visibilidade, não permaneçam silenciadas. Igualmente importante é saber as formas como essas mulheres vítimas de deslocamento forçado, submetidas a solicitar refúgio fora de seu país seguem enfrentando tal condição, mais uma vez, com destaque prioritário para suas histórias em pesquisas a serem desenvolvidas, pois, como já foi muito bem argumentado por Diana Ortiz e Sergio Kaminker (2014), existe uma vasta produção sobre os impactos psicológicos, econômicos, físicos e políticos do conflito armado colombiano. Há, entretanto, uma carência muito grande no que diz respeito a análises qualitativas do refúgio internacional de colombianos, menos ainda sobre seu refúgio na América Latina (ORTIZ; KAMINKER, 2014, p. 35-6). Acrescentamos: muito menos sobre refúgio colombiano no Brasil e menos ainda sobre tal fenômeno com recorte de gênero, classe e raça/etnia.

#### **4 CONCLUSÃO**

Concluimos esta análise inicial sobre os dados de migrações femininas na fronteira do Brasil com a Colômbia constatando o fato de que o acirramento do conflito armado no departamento do Amazonas colombiano, além de gerar uma crise humanitária muito grave para as populações colonas e, especialmente, indígenas da região, tem transbordado suas consequências aos demais países fronteiriços, através do deslocamento forçado, em busca de refúgio. Tal crise humanitária atenta diretamente contra a existência física e a manutenção da cultura tradicional indígena, uma vez que viola o tecido social dessa região, potencializa a vulnerabilidade das populações autóctones e contribui, seja pelo deslocamento ou pelas violações e assassinatos, para o perigo de extinção de grupos étnicos inteiros.

O acirramento do conflito armado e da militarização da vida transforma a Colômbia num país de fugitivos, pois os deslocamentos forçados aumentam em consonância com o aumento da violência, isso porque, acordando com Donny

Meertens e Nora Escobar, para quem “historicamente, o conflito armado se associa com a migração forçada dos habitantes de uma determinada região ou localidade” (MEERTENS; ESCOBAR, 2000, p.30). Ou seja, vemos o deslocamento forçado como uma consequência do processo de violência contra a mulher – demarcada aqui como uma violência eminentemente sexual –, onde a fuga através da fronteira amazônica se configura como o recurso de desespero frente a violência sofrida e início de um novo processo de discriminação e violação, em sua condição de refugiadas.

No que se refere especificamente às mulheres, sua condição de gênero tem sido utilizada para múltiplas formas de violação, que igualmente contribuem para o perigo, real, de extinção das suas etnias. Sua condição de gênero corrobora, também, para novos processos de violência aos quais estão expostas em território brasileiro. Recentemente, seis mulheres colombianas foram resgatadas por uma operação conjunta das polícias Civil, Militar e Federal, numa boate em Tabatinga, na qual estavam sendo exploradas para fins sexuais (G1, 06/12/2014). Tal fato evidencia nossa preocupação com a necessidade de um atendimento especializado para as mulheres em situação de migração forçada. No que se refere ao deslocamento, à fuga através da fronteira Brasil-Colômbia, o processo de silenciamento, anonimato e indignidade em que estas mulheres chegam ao Brasil só contribui para que as mesmas incorporem novas estatísticas de violência contra a mulher, tais como o tráfico sexual, a escravidão (laboral ou sexual), a miséria etc.

Mais pesquisas sobre o tema devem ser feitas, estatísticas levantadas, políticas públicas implementadas e mais do que isso, há de se pautar, em esforços acadêmicos, políticos e sociais, o fim do conflito armado na Colômbia. Mas não qualquer fim do conflito, há de se exigir a paz com justiça social, a reparação e a não repetição dos crimes de guerra, temas caros à sociedade colombiana.

## REFERÊNCIAS

ACNUR. *Dados sobre refúgio no Brasil: uma análise estatística (2010-2014)*. [S.l], 2014. Será que o título estava incompleto? Dados retirados do site <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>

ALDHU. *La agonía del jaguar. pueblos indígenas de la Amazonía colombiana*. Bogotá: Litocamargo, 2004.

ÁLVAREZ, Jairo Estrada. Transformaciones del capitalismo en Colombia: dinámicas de acumulación y nueva realidad. In: ASTORGA, Sergio Gustavo et al. *Historia contemporánea de Colombia: conflicto armado, régimen político y movimientos sociales*. Guaymallén: Qellqasqa, 2012.



AMNISTÍA INTERNACIONAL. *Eso es lo que nosotras exigimos: que se haga justicia: impunidad por actos de violencia sexual cometidos contra mujeres en el conflicto armado de Colombia*. Madrid: sep. 2011. Disponível em: <<http://www.amnesty.ch/de/laender/amerikas/kolumbien/dok/2011/bericht-sexuelle-gewalt/201ceso-es-lo-que-nosotras-exigimos.que-se-haga-justicia201d>>. Seria interessante informar a fonte (endereço eletrônico).

\_\_\_\_\_. *Colombia: cuerpos marcados, crímenes silenciados: violencia contra las mujeres en el marco del conflicto armado*. Madrid: jul. 2004. Disponível em: <<https://doc.es.amnesty.org/cgi-bin/ai/BRSCGI/Colombia%20cuerpos%20marcados?CMD=VEROBJ&MLKOB=25311194949>>

ASKIN, Kelly Dawn. *War crimes against women: prosecution in international war crimes tribunals*. Haia: Martinus Nijhoff, 1997.

ASTORGA, Sergio Gustavo et al. *Historia contemporánea de Colombia: conflicto armado, régimen político y movimientos sociales*. Guaymallén: Qellqasqa, 2012.

BECKER, Bertha K. *Amazônia: geopolítica na virada do III milênio*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BELLO, Lilliana Andrea S.; PINEDA, Mauricio Poveda. La violencia política en Colombia: genocidio político contra la Unión Patriótica. In: ASTORGA, Sergio Gustavo et al. *Historia contemporánea de Colombia: conflicto armado, régimen político y movimientos sociales*. Guaymallén: Qellqasqa, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.  
BRANCHE, Raphaëlle (Org.). *Le viol comme arme de guerre*. Paris: Payot, 2012.

\_\_\_\_\_. Des viols pendant la Guerre d'Algérie. *Vingtième Siècle: revue d'histoire*. Paris, v. 3, n. 75, p. 123-132, 2002

CODHES. *Territorios en confrontación: impacto del conflicto armado sobre la población civil en la Orinoquía y Amazonía Colombiana*. Bogotá: Carrera, 2011.

\_\_\_\_\_. *Boletín de la Consultoría para los Derechos Humanos y el Desplazamiento*, Bogotá, n. 79, mar. 2012.

COLOMBIA. Lei nº 397, de 18 de junho de 1997. *Diario da Republica*, Bogotá, 18 jun. 1997. I Serie B, nº 138, p. 2946. Disponível em: <[http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley/1997/ley\\_0387\\_1997.html](http://www.secretariasenado.gov.co/senado/basedoc/ley/1997/ley_0387_1997.html)>.

- GALEANO, Eduardo. *Los inmigrantes, en el mundo*. [S.l.]: Canal Encuentro, 2008.
- GÓMEZ, Gonzalo Sánchez. Guerra prolongada y negociaciones inciertas en Colombia. In: GÓMEZ, Gonzalo Sánchez; LAIR, Eric. *Violencias y Estrategias Colectivas en la Región Andina: Bolivia, Colombia, Ecuador, Perú y Venezuela*. Colombia: Editorial Norma, 2004.
- MACKINNON, Catherine A. Crímenes de guerra, crímenes de paz. In: HURLEY, Stephen; SHUTE, Susan (Eds.). *Los Derechos Humanos: las conferencias Oxford Amnesty de 1993*. Madrid: Trota, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Toward a feminist theory of the State*. London: Harvard University Press, 1987. p. 126-154.
- MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. *Cadernos Pagu*. Campinas, SP, v.11, p. 67-75, 1998.
- MEERTENS, Donny. *Ensayos sobre tierra, violencia y género: hombres y mujeres en la historia rural de Colombia: 1930-1990*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Centro de Estudios Sociales, 2000.
- MONCAYO, Victor Manuel. Del embrujo al espejismo: la continuidad del régimen político colombiano. In: ASTORGA, Sergio Gustavo et al. *Historia Contemporánea de Colombia. Conflicto Armado, régimen político y movimientos sociales*. Guayamallén: Qellqasqa, 2012.
- OLIVEIRA, Marcia Maria de. A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estudos Avançados*. São Paulo, n. 20, p. 183-196, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Refugiados e desprezados na Amazônia: contribuições para a sociologia dos deslocamentos compulsórios*. 2008. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia)—Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.
- RIVERA, Edgar Jesús Velásquez. Historia del paramilitarismo en Colombia. *Revista História*. São Paulo, v. 26, n. 1, p. 134-153, 2005.
- SALDARRIAGA FLÓRES, Nora Isabel et al. *Mujer negra y desplazada: triple victimización en Colombia*. Medellín: Ediciones UNAUCLA, 2013.
- TESCARI, Adriana Sader. *Violência sexual contra a mulher em situação de conflito armado*. Porto Alegre: Sergio Antonio Fabris Ed., 2005.